

Nome: Cátia Cristina B. De Almeida

E-mail: catiabenevenuto@usp.br

Instituição de Ensino: USP

Orientador: Prof. Dr. Homero Santiago

A MEMÓRIA EM TEMPOS DE CRISE

PENSAR A CRISE PELO VIÉS DE UMA HISTÓRIA-MEMÓRIA EM ESPINOSA

Resumo: Apenas com o intuito de nos situarmos no texto, uma vez que o foco aqui não é tratar da gênese da memória, mas sim de sua prática, é importante ressaltar que o que me levou a pensar a memória nos moldes da história se deu através de uma investigação sobre o corpo. Nesse caso, a tentativa se amarra fundamentalmente numa memória sob a perspectiva corporal e não do tempo. Obviamente que tentar fundamentar uma memória pelo viés do corpo nos faz esbarrar com conceitos muito caros a filosofia espinosana, como trazer a tona a questão do tempo e também da história. Afinal, é a Espinosa endereçada a dura crítica de esvaziar o tempo de conceito ontológico e com isso o sentido de história. Assim, estamos falando de uma filosofia sem tempo e tampouco, sem história. Bem, nossa intenção é articular por outros caminhos, que nos levem a conceber um tempo, uma história e com isso uma memória que não nos moldes da tradição até o século XVII. Bem, estamos expondo tudo isso aqui para dizer que a memória em Espinosa não é outra coisa senão um engendramento entre coisas e ideias que se passa na mente com o seu corpo. Isto é, a memória é fruto de uma relação entre os corpos, entre os indivíduos, dessa relação que travamos com as coisas e com os outros, somos marcados mutuamente, ou seja, afetamos e somos afetados, registramos coisas, frases, imagens, enfim, tudo passa por nós, retemos, fixamos, e estas coisas que nos permitimos imprimir, narrar, é o que Espinosa denominará de vestígios corporais ou traços, marcas. Essas marcas denominarei de memórias, e mais detalhadamente, em minha pesquisa, é o que pretenderei denominar de história. Porém, me deterei apenas à relação de memória e história através da práxis e não sob o aspecto ontológico que as aproxima e fundamenta, a ponto de torná-las idênticas em Espinosa.

Assim, quanto de memória trouxemos para o presente momento? Quanto de nossas marcas e de impressões de nossos de nossos encontros de outrora, da infância, trouxemos para hoje, sobretudo para o diálogo político? O que se pretende mostrar? O que se quer esconder? Aliás, o que é viável lembrar ou não? Que marcas são essas que nos fazem desejar aquilo que não conhecemos realmente? Pois, jovens indo às ruas pedir pela volta da Ditadura? Pela intervenção militar? Desconhecimento? Ignorância intelectual? Não, não estou tão certa. Em tempos de

manifestações, reivindicações, ou seja, crises sociais, econômicas e políticas, os protestos que tomaram conta do Brasil desde junho de 2013, o famoso junho de 2013, ainda nos convoca a demonstrar que a ação de lembrar, aspira, sobretudo, ao devir. A volta ao passado, sem dúvida, quer, através da história, legitimar e consolidar a memória coletiva seja negando ou afirmando o nosso passado histórico. Contudo, esse texto não se dará e nem terá espaço suficiente para reflexões profundas sobre o embate político que ainda permeia as diversas manifestações. Mas, partindo do conceito de comemoração, procuraremos refletir sobre os mecanismos e apropriações da memória, bem como seus usos nos processos de construção e transmissão de uma prática social.

Junho de 2013 certamente ficará marcado para nós brasileiros pelo início de uma série de manifestações. O fator desencadeante é pautado pela redução das tarifas do transporte público onerada em 0,20 centavos de real. No entanto, e em meio a uma pauta referente ao transporte público, outras tantas se lançam. Grupos diversos se formam para falar, reivindicar, contestar, sem uma questão definida, mas com inúmeras a definir. É, em meio a todo esse movimento de aquisições distintas, cuja presença do mutável e do instável se faz, que gostaríamos de nos remeter. Porém, antes de continuarmos, é importante salientar que esse texto não só pretende nos levar a pensar sobre as questões políticas que perpassam pelos protestos e nos movimentam em direção às ruas, mas também, e, sobretudo, a um outro: a ação de lembrar. O termo nos parece muito pertinente e atual quando dizemos que lembrar é o ato de atualizar. Atualizar nossos registros ou ainda nossas impressões. Reorganizar nossas marcas que ao voltar-se para um momento histórico se vê inscrita sob as mesmas incertezas e imprevisibilidades de futuro de outrora. Todavia, vemos que nossa volta ao passado se fortifica graças ao coletivo, que, por sua vez, se reforça por meio de acontecimentos que marcaram a história. O que também nos faz refletir sobre uma memória individual que muito se estrutura e insere-se na memória coletiva. De acordo com nossa pesquisa, até o momento, percebemos que a memória não é só um fenômeno individual, ela é, também e, sobretudo, uma construção social e um fenômeno coletivo. Pois, quando falamos em memória coletiva, aqui manifesta em forma de protestos, mas que surge também como comemorações, reuniões políticas ou sociais, enfim, até mesmo em uma simples união de pessoas. O que as diferencia entre si, são os seus usos. Rapidamente falando, no que diz respeito à maneira com que as datas comemorativas reforçam nossa memória coletiva é o fato de estarmos focados nas comemorações, e isso tende a nos dispersar dos problemas sociais, políticos, econômicos que assolam o presente e esquecemos, quase totalmente, das situações históricas constrangedoras do passado, um exemplo: descobrimento do Brasil, e toda a violência histórica contra índios e negros, ou seja, celebra-se a conquista histórica selecionando a memória coletiva. E essa é uma outra e longa discussão. Voltemos aos protestos. Esse retorno ao passado tem a capacidade de nos fixar no presente, fazendo com que esse ato seja, de fato, um trabalho. Apenas a título de esclarecimento,

quando optamos por falar “em um trabalho” da memória, não queremos, sob certo aspecto, atribuir-lhe o peso que lhe foi vinculado desde Hegel e Marx; mas sim que este ocupe, em nossa concepção, um teor quase que puramente operacional, isto é, um movimento que não deixa de ser um esforço natural feito pelo corpo em mais uma de suas associações. Uma aquisição da memória em sua reorganização. Digo uma aquisição, no sentido de que a ação de reatualizar, envolve o passado (velho), bem como uma prática nova, uma ação pautada pelo ineditismo em algum momento.

Junho de 2013 certamente deixou seu registro, retomou um passado, uma história, bem como entrou para ela. Vemos claramente essa retomada quando analisamos a movimentação de alguns grupos, por exemplo: àqueles que levantaram a bandeira dos “sem partido,” que logo foram comparados pelas mídias sociais aos discursos promulgados pelos grupos no golpe Militar de 1964 e até mesmo às propostas nazistas. A ida em massa às ruas num ato semelhante em favor das “diretas já” de 1984 que mobilizou a sociedade brasileira, artistas cantando em comícios a favor das eleições presidenciais. E por último, remetemos aos “caras pintadas,” que foram às ruas com seus rostos pintados com as cores da bandeira brasileira para o impeachment do então presidente Fernando Collor. Diante desses acontecimentos, nosso texto pretende discutir o fato de rememorar enquanto prática social e política, servindo-se das manifestações ocorridas desde junho de 2013 no Brasil.

Palavras chaves: memória, história, rememoração